

A interculturalidade Ibero-Americana

Interculturalidad Iberoamericana

Ibero-American Interculturality

Alberto Carlos de Souza¹

Resumo

Os desafios que compõem a prática da educação intercultural envolvem também a arte como representante da expressão da humanidade em suas particularidades. Ao assumir a interculturalidade no espaço educacional, inúmeras questões se tornam relevantes.

Palavra-chave: Ciências Sociais; Sociologia; Ciências Humanas.

Resumen

Los desafíos que constituyen la práctica de la educación intercultural también implican el arte como representante de la expresión de la humanidad en sus particularidades. Al asumir la interculturalidad en el espacio educativo, numerosas preguntas se vuelven relevantes.

Palabra Claves: Ciencias Sociales; Sociología; humanidades.

Abstract

The challenges that make up the practice of intercultural education also involve art as a representative of the expression of humanity in its particularities. By assuming interculturality in the educational space, numerous questions become relevant.

Key word: Social Sciences; Sociology; Humanities.

A interculturalidade está na pauta das discussões dos representantes de diversos países, em especial os da América Latina. O projeto intercultural tem suas raízes na preocupação com os grupos indígenas e no desenvolvimento linguístico desses grupos, reforçado pelo desejo de conquista de espaço social, das diferenças presentes nas etnias, nas religiões, em questões de gênero. Esse espaço requerido vem sanar a dívida social construída ao longo dos anos pelas classes dominantes, que serviam de parâmetro regulador de comportamento social.

¹ Doutorando em Humanidades e Artes pela Universidad Nacional de Rosario. Mestrado em História pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO). Professor estatutário nos municípios de Vitória e Serra - ES. E-mail: acsouza71@bol.com.br

Mais do que resgatar os direitos subjugados dos que por muito tempo vivem à margem de uma sociedade que segrega, o projeto intercultural se propõe a dialogar com as diferenças existentes na sociedade, em momentos de (con)vivência. Uma conquista importante para esse diálogo é a constituição de 1988, em que as culturas das populações indígenas e quilombolas são reconhecidas e autenticadas. Segundo Candau (2010),

“[...] o termo interculturalidade surge na América Latina no contexto educacional e, mais precisamente, com reconferência à educação escolar indígena”. Sendo os indígenas os primeiros habitantes encontrados pelo colonizador, a educação esteve voltada a esses povos, que precisam de alguma forma se adaptar à nova realidade que está sendo construída no desenvolvimento dos territórios explorados.

No que se refere a esse processo educacional, Candau (2010) aponta quatro etapas importantes: a primeira etapa no período colonial, marcado pela violência na imposição da cultura hegemônica; a segunda etapa, em que a educação bilíngue é levada ao indígena, para sua civilização; em um terceiro momento o bilinguismo começa a reconhecer particularidades dos povos e a sua importância cultural; e, na quarta etapa, finalmente a educação bilíngue inclui também a preservação e o diálogo entre as culturas existentes, as escolas interculturais.

No entanto, este espaço educacional ainda se restringe a alguns locais. Mesmo sendo parte do currículo escolar, a cultura indígena ainda é considerada e tratada como excêntrica, sem o necessário diálogo para a real interculturalidade. Resgatar os direitos políticos e sociais usurpados desses cidadãos é uma tarefa gigantesca, mas que está assegurada, no que diz respeito à sua busca, no projeto intercultural da América Latina. E nesse projeto de igualdade e respeito na convivência com as diferenças na sociedade e no espaço escolar estão os que têm descendência africana. Importante destacar que a situação dos grupos negros no continente varia muito em relação à realidade de cada país.

Se em alguns anos foi praticamente eliminada, como na Argentina, em outros constitui a grande maioria da população, como em Cuba ou no Haiti. Há situações em que são circunscritos a algumas regiões e / ou núcleos rurais, como no Equador ou Bolívia, em outras estão presentes nas principais zonas urbanas do respectivo país, como é o caso do Brasil e da Colômbia. (CANDAU, 2010, p. 158).

Os resquícios do regime de exploração dos escravos negros ainda têm ação negativa na sociedade atual, que de várias maneiras ainda mantém os negros à margem da sociedade e longe de seus direitos, tudo isso velado por um discurso, uma conquista importante para esse diálogo é a constituição de 1988, em que as culturas das populações indígenas e quilombolas são reconhecidas e autenticadas. herança e manifestações culturais brasileiras não racista.

No entanto, a luta desses grupos em busca de seu lugar como cidadãos tem marcado mudanças importantes, promovendo um revisar da história, que mostra como o processo de construção social foi cruel com alguns membros dessa sociedade, subjugados por outros. Por isso, essas conquistas provocam tensão, mas ela é necessária para o reconhecimento da luta na busca dos espaços, pois, caso contrário, seria apenas uma encenação, como a herança histórica de um cenário forjado, falseado sob o rosto da amizade entre grupos de diferentes etnias, colonizador e colonizado.

Elimina-se, assim, o conflito, continuando a perpetuar estereótipos e preconceitos, pois, se seguirmos a lógica de que os diferentes grupos étnico-raciais desde o início do processo colonizador foram se integrando cordialmente, podemos pensar que as diferentes posições hierárquicas entre eles devem-se à capacidade e empenho de indivíduos e / ou à inferioridade de determinados grupos. Essa ideia se disseminou no imaginário social, contribuindo para que as sociedades não se reconhecessem como hierarquizadoras, discriminadoras e racistas. (CANDAUI, 2010, p. 158).

Reconhecer neste processo de construção social o resgate de direitos que foram negados aos grupos minoritários é um passo importante para que possamos conviver com as diferenças culturais, em postura de respeito que envolve a todos. Não se parte de uma cultura e sim de todas as culturas que de alguma forma (co) habitam o espaço social. A cultura aqui referida ultrapassa as manifestações culturais, englobando a vida em sua plenitude. As questões estão abertas para a discussão, o diálogo intelectual já foi sugerido, resta saber como vai se desenvolver ao longo da história este desafio chamado interculturalidade para a vida.

Os desafios que compõem a prática da educação intercultural envolvem também a arte como representante da expressão da humanidade em suas particularidades. Ao assumir a interculturalidade no espaço educacional, inúmeras questões se tornam relevantes. Pensar as práticas educativas sob a ótica da interculturalidade é necessário e urgente. Cada espaço educativo, assim como seus integrantes, também tem características que de alguma maneira vão se mesclar aos conteúdos educacionais eleitos, e assim as questões das ações que contemplem a interculturalidade merecem a devida atenção, pois a luta desses grupos em busca de seu lugar como cidadãos tem marcado mudanças importantes, promovendo um revisar da história, que mostra como o processo de construção social foi cruel com alguns membros dessa sociedade, subjugados por outros.

Educação Nestes espaços liminares, as diferenças não se diluem imediatamente num caldo comum, nem são hierarquizadas, tratadas como superiores ou inferiores, melhores ou piores, mas permanecem em tensão, em ebulição, fazendo com que as mesmas palavras, as mesmas imagens, os mesmos símbolos, não apenas produzam diversas interpretações, mas se mantenham ambivalentes. E assim mantenham também a flexibilidade, a

possibilidade de continuar interagindo e mudando, deslocando relações de poder. (AZIBEIRO e FLEURY, 2008, p. 06).

Essa tensão é necessária para que a compreensão das diferenças amplie o horizonte de saberes que a educação pode proporcionar. E, nesse sentido, a análise minuciosa dos conteúdos a serem discutidos no projeto de educação intercultural abrange todo cuidado em relação à escolha de ações pedagógicas. A educação intercultural é comprometida com a formação do indivíduo crítico e possuidor de saberes múltiplos, que vai atuar de forma significativa em seu espaço social.

A tarefa da educação intercultural, nesse sentido, não é adaptar, ou mesmo simplesmente possibilitar a mútua compreensão das linguagens. É, antes, possibilitar a emergência dos múltiplos significados, provocando a reflexão sobre seus fluxos e cristalizações e os jogos de poder aí implicados. Se a tarefa da tradução pode ser ponto de partida para que se localizem confluências e divergências, ela não se constitui no seu ponto final. (AZIBEIRO e FLEURY, 2008, p. 06).

O entendimento das diferenças serve como base para que os sujeitos educacionais possam se constituir com esse novo olhar, e assim as diferenças dos envolvidos passam a coexistir, sem a necessidade de classificação de qualquer tipo, sem que haja a hierarquização, sem que um subestime o outro, sem que a cultura do outro possa ser substituída pelas nossas culturas, em convivência pacífica no mesmo espaço, dessa forma compartilhando o espaço, que será desenvolvido. Como apontam Azibeiro e Fleury (2008), a sensibilização e o respeito às demais culturas a princípio estranhas configuram o processo dialógico na educação. Por ser dialógica, a existência de tensões se configura como elemento importante porque provoca uma dinâmica nesse processo.

O grupo que se mantém disposto a aprender, apesar das dificuldades e impasses, aos poucos vai adquirindo a compreensão de que ter interesses comuns não significa ser absolutamente igual em tudo, descobrindo-se que o próprio grupo não é um todo homogêneo e uniforme, um amálgamas nestes espaços liminares, as diferenças não se diluem imediatamente num caldo comum, nem são hierarquizadas, tratadas como superiores ou inferiores, melhores ou piores, mas permanecem em tensão, em ebulição, fazendo com que as mesmas palavras, as mesmas imagens, os mesmos símbolos, não apenas produzam diversas interpretações, mas se mantenham ambivalentes. (AZIBEIRO e FLEURY, 2008, p. 06).

Em que se diluem as especificidades e singularidades. Ele mesmo é,

múltiplo e pluricultural, e as próprias diferenças – deixando de ser entendidas como hierarquizações a priori – fazem crescer o seu potencial, por exigir continuamente a reflexão e a tessitura de outros desfechos para os impasses, que não são poucos. (AZIBEIRO e FLEURY, 2008, p. 06).

No que confere ao estudo da cultura, a arte, como área de conhecimento, é privilegiada. Quem educa com os saberes da arte tem na cultura uma fonte inesgotável de

informações. Estes autores educacionais irão trabalhar a cultura de diferentes povos, questões políticas e de virtudes, atitudes e ideias morais que a arte de cada sociedade deixou registrada em quadros, esculturas, arquitetura, música, entre outros.

Discutirão também o mundo atual e suas faces, algumas paradoxais. Vale lembrar que, ao adentrar na cultura alheia, é preciso cautela, pois é importante atuar como mediadores e não invasores. Ao abordar os saberes de culturas distintas, uma postura ética é fundamental. Em termos interculturais, a arte também apresenta um importante elemento pedagógico. Na medida em que nos seja dado experienciar a produção artística de outras culturas, torna-se mais fácil a compreensão dos sentidos dados à vida por essas culturas estrangeiras.

Através da arte se participa dos elementos, dos sentimentos que fundam a cultura alienígena em questão, o que é o primeiro passo para que se interprete as suas mensagens e significações. (DUARTE JR., 1994, p. 70).

Ao pensar a educação intercultural, seremos sempre aprendizes.

O legado dos diferentes povos, através de suas manifestações cultura socializadoras, contribuirão para a formação humana como um todo. E esse todo abrange o pessoal e o social, o desenvolvimento de cada um no cenário coletivo contemporâneo. A arte-educação está embutida no processo geral da educabilidade humana e, como tal, assume seu papel fundamental.

Arte é linguagem, comunicação e expressão. Muito antes de o homem falar ou escrever ele já desenhava nas cavernas para se comunicar ou expressar sua visão de mundo. A arte está presente nos mais diversos espaços da sociedade e seu conhecimento abre perspectiva para que a pessoa compreenda o mundo numa dimensão poética, ensinando que são possíveis transformações no sentido da vida e que as referências, podem ser flexíveis.

O processo de criação é comum tanto para o cientista quanto para o artista, sendo resultado de um processo de trabalho árduo e muito estudo a respeito de um dado assunto. Na verdade, nunca foi possível ciência sem imaginação, nem arte sem conhecimento. A educação do século XXI exige novos paradigmas que evitem a oposição entre arte e ciência, pois ambas possibilitam que o ser humano crie condições para transformações político-sociais.

Ela compreende justamente uma consciência mais harmoniosa e equilibrada perante o mundo, em que sentimentos, a imaginação e a razão se integram; em que os sentimentos e valores dados à vida são assumidos no agir cotidiano. Compreende uma atitude em que não existe “distância entre intenção e gesto”, segundo o verso de Chico Buarque e Ruy Guerra.

Em nossa atual civilização (antiestética por excelência), a consciência significa capacidade de escolha, uma capacidade crítica para não apenas se

submeter à imposição de valores e sentidos, mas para selecioná-los e recriá-los segundo nossa situação existencial. (SILVA, 2007, p. 72).

Desta forma, Hall (2010) entende que nesse tempo em que vivemos, marcado pela globalização, essa crise de identidade é inevitável. Tal estado de crise possibilita aos sujeitos novas posições de identificação, tornando as identidades menos fixas e unificadas, e sim, abertas ao novo, sem abrir mão da cultura de origem, possibilitando aprender novos conhecimentos, nesse processo irreversível-chamado globalização -, aberto à diversidade. O exterior exerce importante papel na formação em nossa identidade, que está no imaginário e é transmitida por meio da cultura.

A globalização, enquanto processo impositivo e impessoal que atravessa a sociedade contemporânea, transforma o mundo numa verdadeira aldeia global, num mundo de iguais. O desafio, portanto, a ser posto será o de,

[...] ao invés de pensar no global como ‘substituindo o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e ‘o local’. Este local não deve naturalmente ser confundido com velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas. Em vez disso, ele atua no interior da lógica da globalização” (HALL, p. 77-78).

No tocante a isso, Hall (2010) considera ser improvável a globalização destruir as identidades nacionais, mas, produzir, simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’.

Talvez a arte na educação ainda necessite, por parte de alguns educadores, desse olhar global na formação do sujeito. Certamente, o caráter técnico funcionalista da arte ainda cultive alguns aspectos incorretos, como por exemplo, o caráter técnico-prático. Mas a arte-educação almeja e possibilita muito mais e encontra apoio nas obras de artistas que trazem o olhar intercultural.

Considerações Finais

Na contemporaneidade, a mundialização é tema discutido, abarcando a educação para a vida. Através das conquistas tecnológicas, a aproximação das culturas acontece diariamente. No entanto, resta questionar de que forma se dá esse encontro. Se, por um lado, com um clique podemos conhecer parte das culturas antes desconhecidas, por outro essa facilidade nos obriga a olhar as diferenças com olhar compreensivo.

Na esfera da educação, a interculturalidade se propõe a conciliar uma relação de tensão, em que as diferenças são os elementos a serem trabalhados através da arte de cada

povo e das manifestações culturais. Educação, interculturalidade e arte formam uma tríade importante, que suscita reflexão constante na busca de uma educação que preserva e elege a vida como prioridade, Cultura Brasileira e Educação de etnia ou cultura. Preservar as diferenças, trabalhando de forma igualitária é o desafio da educação deste século, e chama a todos, atores educacionais e comunidade, a trabalharem juntos para o desenvolvimento de uma educação intercultural

Referencias

AZIBEIRO, Nadir Esperança; FLEURY, Reinaldo Matias. *Paradigmas interculturais emergentes na educação popular*. Disponível em http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Fleuri.pdf. Acesso em 19 de março de 2021.

BATISTA, Claudio Magalhães. *Memória e Identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do Turismo Cultural*. Disponível em <http://ecoviagem.uol.com.br/fique-por-dentro/artigos/turismo/memoria-e-identidade-aspectosrelevantes-para-o-desenvolvimento-do-turismo-cultural-1333.asp>. Acesso em 16 de abril de 2021.

CANDAU, Vera Maria. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Rev. Bras. Educ. vol.13 nº 37, Rio de Janeiro, Jan./Abr. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000100005. Acesso em 16 de abril de 2021.

CANDAU, Joel. *Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade*. Disponível em: <http://www.unice.fr/lasmic/PDF/candau-article-10.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2021.

DUARTE JR, João-Francisco. *Por que arte-educação?*. Campinas: Papyrus, 1994.

JORWIKI. *Formação de uma identidade cultural brasileira e seus estereótipos*. Disponível em: http://www.jorwiki.usp.br/gdnot10/index.php/Forma%C3%A7%C3%A3o_de_uma_identidade_cultural_brasileira_e_seus_estere%C3%B3tipos. Acesso em 20 de março de 2021.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.